



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

DIOGO BARBOSA DOS SANTOS

**CRISE, CONSERVADORISMO E BOLSONARO: UMA REFLEXÃO
NECESSÁRIA NO SERVIÇO SOCIAL.**

CAMPINA GRANDE- PB

2020

DIOGO BARBOSA DOS SANTOS

**CRISE, CONSERVADORISMO E BOLSONARO: UMA REFLEXÃO
NECESSÁRIA NO SERVIÇO SOCIAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Barbara da Rocha Figueiredo Chagas.

CAMPINA GRANDE- PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Diogo Barbosa dos.
Crise, conservadorismo e Bolsonaro [manuscrito] : uma reflexão necessária no Serviço Social / Diogo Barbosa dos Santos. - 2020.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2020.
"Orientação : Profa. Ma. Barbara da Rocha Figueiredo Chagas, Coordenação do Curso de Serviço Social - CCSA."
1. Bolsonaro. 2. Conservadorismo. 3. Direitos humanos. I.
Título
21. ed. CDD 361.3

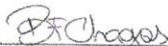
DIOGO BARBOSA DOS SANTOS

**CRISE, CONSERVADORISMO E BOLSONARO: UMA REFLEXÃO
NECESSÁRIA NO SERVIÇO SOCIAL.**

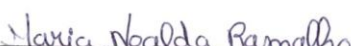
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
Serviço Social da Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB) como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Serviço
Social.

Aprovado em: 02/03/2020

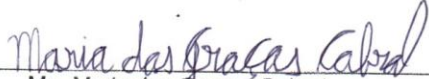
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Ma. Barbara da Rocha Figueiredo Chagas
(Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria Noalda Ramalho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Ma. Maria das Graças Cabral
Assistente Social da Escola Ana Azevedo

Dedico este trabalho aos meus pais e a minha avó. Agradeço pelo apoio de sempre na minha caminhada acadêmica. Sou grato por todo incentivo e por todo o aprendizado que recebi e que me proporcionou uma nova forma de enxergar a realidade, de ser crítico, de refletir, de questionar e de não desistir nunca.

SUMÁRIO

RESUMO	5
1. INTRODUÇÃO	6
2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A GÊNESE DO CONSERVADORISMO.....	7
3. CRISE ECONÔMICA E REAÇÃO BURGUESA: UMA ANÁLISE DA “ONDA CONSERVADORA” EM TEMPOS ATUAIS	10
4. O GOVERNO BOLSONARO E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICO-POLÍTICAS	15
5. CONCLUSÃO	21
6. REFERÊNCIAS.....	22

Crise, Conservadorismo e Bolsonaro: uma reflexão necessária no Serviço Social.

Diogo Barbosa dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de discutir a eleição de um governo de extrema direita no Brasil (Jair Bolsonaro), apresentando algumas reflexões acerca das raízes e implicações deste fenômeno no campo da ética, da política, dos direitos humanos, entre outras. Para tanto, a análise acerca do “fenômeno” Bolsonaro exige uma discussão sobre a fundamentação teórica do conservadorismo, sua gênese, reatualização e expressão no cenário atual. Na realização do trabalho utilizamos uma pesquisa bibliográfica e fundamentação teórico-metodológica assentada no método crítico dialético, pois esse permite a análise e/ou compreensão e interpretação dos fatores e agentes envolvidos nesta pesquisa. Assim, este artigo busca fazer uma análise do cenário que se desenha após a eleição de Bolsonaro e perceber as problemáticas ocasionadas pelo discurso conservador, o qual se apropria da vida cotidiana de diferentes populações, subalternizando, dominando, criando estereótipos e estigmas àqueles que não são privilegiados por tal discurso e, por conseguinte acarretando novos desafios ao Serviço Social e concomitantemente ao nosso Projeto Ético Político em vigência.

Palavras chave: Bolsonaro; Conservadorismo; Direitos Humanos.

ABSTRACT

This article aims to discuss the election of a far-right government in Brazil (Jair Bolsonaro), presenting some reflections on the roots and implications of this phenomenon in the field of ethics, politics, human rights, among others. Therefore, the analysis of the Bolsonaro “phenomenon” requires a discussion on the theoretical foundation of conservatism, its genesis, revival and expression in the current scenario. In carrying out the work, we used a bibliographic research and theoretical-methodological foundation based on the critical dialectical method, as this allows the analysis and / or understanding and interpretation of the factors and agents involved in this research. Thus, this article seeks to make an analysis of the scenario that is outlined after the election of Bolsonaro and to understand the problems caused by conservative discourse, which appropriates the daily life of different populations,

¹ Acadêmico do Curso de Serviço Social na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I. E-mail: dyogo_barbosa@hotmail.com.

subordinating, dominating, creating stereotypes and stigmas to those who are not. privileged by such speech and, consequently, bringing new challenges to Social Work and concomitantly with our Political Ethical Project in force.

Keywords: Bolsonaro; Conservatism; Human rights.

1. INTRODUÇÃO

A eleição de Jair Bolsonaro sinaliza uma redução significativa da proteção social, principalmente no que se refere aos direitos humanos. Diversas ameaças começam ainda na campanha por meio da divulgação de declarações preconceituosas, homofóbicas e discriminatórias que vão de encontro ao ataque às minorias.

A conjuntura atual e o avanço do conservadorismo, portanto, propiciam o ataque às diferenças utilizando mecanismos classificatórios e discriminatórios, provocando processos de marginalização, cultura do ódio, do medo, segregação social e barbarização da vida.

O interesse pela temática surgiu a partir da experiência de estágio obrigatório em Serviço Social². O estágio propiciou a observação de questões relacionadas à diversidade, desigualdade e reprodução da cultura machista presente em nossa sociedade, a qual se encontra vinculada ao pensamento conservador e que é, na maioria das vezes, propagado de forma naturalizada em nosso cotidiano.

A aproximação ao tema é fruto tanto da experiência de estágio supracitada, bem como da experiência na monitoria da disciplina “classe, raça, gênero e etnia”³, a qual proporcionou um maior suporte no sentido das atividades observadas e/ou desenvolvidas no campo de estágio. A participação na monitoria viabilizou uma melhor apreensão acerca da diversidade, nos forneceu arcabouço teórico e reflexão crítica sobre a temática e contribuiu bastante para a formação de uma visão mais ampla acerca das diversas situações que envolvem a temática.

O panorama de retrocessos ocasionado pelo avanço do conservadorismo e concomitantemente pela eleição de Bolsonaro implica profundos impactos na esfera social, configurando-se contrário, portanto, ao Projeto Ético Político do Serviço Social, uma vez que o Serviço Social apresenta um compromisso ético político pautado na defesa dos direitos humanos, defende as condições de igualdade e recusa toda e qualquer forma de exploração e opressão. O PEP assume o compromisso com a transformação social, recusando, nesse sentido, o conservadorismo e suas implicações.

Sendo assim, o atual cenário provoca inquietações diante dessa realidade, do ataque aos direitos humanos, da retirada de direitos duramente

² O Estágio foi realizado no período de fevereiro de 2017 a junho de 2018, na Escola Municipal Ana Azevedo em Campina Grande – PB.

³ A monitoria foi realizada na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB em 2018.

conquistados, do governo Bolsonaro como expressão máxima desse processo e/ou retrocesso.

Partindo desse pressuposto, procuramos estabelecer algumas reflexões com o objetivo de contribuir um pouco com o processo de compreensão acerca do “fenômeno Bolsonaro”, no sentido de refletir e compreender o significado de manter essa sociedade e de todos os percalços, rebatimentos e retrocessos inerentes a essa nova dinâmica social.

O presente artigo divide-se em três tópicos. Inicialmente partiremos do entendimento acerca da origem do conservadorismo e de seus fundamentos gerais. No segundo tópico, analisaremos a reatualização do conservadorismo mediante a crise do capital. No terceiro tópico, trataremos a discussão de como o conservadorismo se expressa em meio ao aprofundamento da crise no Brasil.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A GÊNESE DO CONSERVADORISMO

Segundo Souza (2015) o conservadorismo pode ser entendido como um sistema de ideias que passou por transformações ao longo da história, posto que se relaciona com as mudanças que ocorrem no mundo da produção material, e suas diversas implicações para a vida social.

Dentro desse contexto, Ferreira e Botelho (2010, p. 11-12), analisam o surgimento do pensamento conservador na sociedade de classes e nos apresentam a seguinte constatação:

O pensamento conservador surge e se desenvolve no contexto da moderna sociedade de classes, marcada por seu dinamismo, por suas múltiplas e sucessivas transições [...] Estruturado como reação ao Iluminismo e às grandes transformações impostas pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial.

De acordo com o exposto, podemos perceber que existe uma clara relação da gênese do conservadorismo com a emergência da sociedade moderna, opondo-se às ideias de liberdade e transformação no quadro social e econômico da época. Surge, portanto, como um sistema de ideias a serviço da conservação do antigo regime.

Entre os teóricos que representam esse sistema de ideias, entendido como conservadorismo, podemos destacar Edmund Burke, considerado o fundador do Conservadorismo Clássico.

Nessa perspectiva, o conservadorismo clássico vincula-se aos valores religiosos cristãos, na medida em que nasce conectado com os valores Medievais, tais como a hierarquia, manutenção da instituição familiar tradicional, repulsa às ideias de igualdade entre classes, e ainda, entende as mudanças vivenciadas pela sociedade como um fator de desorganização social.

A obra “As reflexões sobre a revolução na França” (2014), do referido autor, pode ser considerada como um marco da tradição conservadora. “Nelas, estão condensadas também os ideais culturais e simbólicos das classes sociais

golpeadas pela Revolução Francesa, com destaque para a aristocracia feudal” (SOUZA, 2016, p. 362).

Trata-se de um texto publicado após a eclosão do processo revolucionário jacobino, no ano de 1790. Foi alvo de críticas dos revolucionários e bem recebido pelos antirrevolucionários.

Para Burke, a revolução não significa a transformação radical de uma sociedade, momento fundador de uma nova sociabilidade e, por isso, crivado por contradições, tensões, mas também por elementos e valores emancipatórios. Para o irlandês radicado na Inglaterra, esse tipo insurrecional de revolução é tomado, de maneira unilateral, como momento de decadência e degradação, no qual a ordem estabelecida é destruída e as tradições, rebaixadas (SOUZA, 2016, p. 363).

É possível perceber que Burke (1790) apresentava preocupações com relação ao rompimento de tradições, o que possivelmente o levava a pensar as desigualdades sociais como algo natural. Lutar pela superação dessas desigualdades seria para Burke uma forma de desorganizar a sociedade. Este pensamento situava-se, portanto, no campo que se opunha ao nascimento da sociedade moderna e suas promessas de “liberdade, igualdade e fraternidade”, fruto da revolução burguesa, e representa a luta de classes do período.

Na Sociologia, o conservadorismo clássico ganhou espaço nos estudos e apontamentos de Émile Durkheim, Hebert Spencer e August Comte. Este último é responsável pela frase “*Ordem e Progresso*”, lema político do *Positivismo*, uma corrente filosófica com emergência na França no começo do século XIX e que ganhou força nos demais países da Europa na metade do XIX e início do século XX.

O lema político do Positivismo encontra-se até os dias atuais na Bandeira Nacional do Brasil. A Bandeira de nosso país, foi idealizada durante a fundação da República por Benjamin Constant⁴, o que revela a presença das ideias Positivistas na construção da República brasileira.

Seguindo a linha de raciocínio positivista, a manutenção da ordem seria o caminho para se chegar a um fim positivo, configurado na imagem de progresso. Sendo assim, qualquer medida que fosse necessária para manter a ordem, poderia ser justificada com o seu objetivo, o alcance de uma sociedade do progresso.

O pensamento positivista dialoga diretamente com o conservadorismo no sentido de manter a estabilidade na estrutura social, cultural e econômica, reprimindo os pensamentos de mudanças nessa estrutura. Porém, de acordo com Souza (2016, p. 05) “O positivismo impulsionou o sistema de ideias conservadoras, ao mesmo tempo em que modificou, pois estabeleceu sua reconciliação com a sociedade capitalista consolidada e sua institucionalidade”.

Souza (2015) ainda chama atenção para o fato do diálogo entre o positivismo e conservadorismo ter resultado num realinhamento de posicionamentos. De posições antiburguesas, passou a posições

⁴ Benjamin Constant Botelho de Magalhães foi um militar, engenheiro, professor e estadista brasileiro. Formado pelo Colégio de São Bento e, posteriormente, pela Escola Militar em Engenharia, participou da Guerra do Paraguai como engenheiro civil e militar. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Benjamin_Constant_\(militar\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Benjamin_Constant_(militar)). Acesso em 14/02/2020

antiproletárias, já nos marcos da sociedade burguesa consolidada. O que revela a relação entre o conservadorismo e o liberalismo econômico, na sociedade moderna. Note-se, assim, que ao tornar-se a classe dominante, a burguesia incorpora ideais até então antagônicos ao seu antigo projeto de sociedade, supostamente representativo de interesses universais.

De acordo com Souza (2015) podemos pensar o final da década de 1910 até 1970 como o período de formação de uma nova fase do pensamento conservador, entendida como conservadorismo moderno. Foi a partir desse momento que ocorreram mudanças em sistemas de explicação da vida social.

A ideia da chamada modernidade passou a vigorar no início do século XX e permitiu ao conservadorismo construir a imagem de um pensamento supostamente progressista que comungasse com a modernidade vigente.

O conceito de totalitarismo de Hannah Arendt (1989) foi incorporado à noção de conservadorismo moderno da seguinte forma:

O conservadorismo moderno incorporou o conceito de “totalitarismo” nesses termos niveladores e, com ele, elaborou uma concepção de mundo que encastela o significado antológico do tempo presente, esvaziando-o do devir histórico. Realiza esse encastelamento através, de um lado, da blindagem do presente em relação às “utopias” revolucionárias, que desejam transformar radicalmente a sociedade vigente. De outro, projetando-se contrários às “utopias” reacionárias, aferradas que são às formas do passado. Com essa blindagem “presentista” (nem passado – reacionários, nem futuro – revolucionário, somente o presente importa), o conservadorismo moderno acredita estar se movendo em bases “progressistas”, uma vez que rejeita, equalizando, tanto as “utopias” revolucionárias, quanto reacionárias, ambas concebidas, pejorativamente, como idealizações potencialmente “totalitárias” (SOUZA, 2015, p. 07).

Podemos entender que o conservadorismo moderno buscou mover-se em base de uma hipotética rejeição do passado e hostilidade ao futuro, quando este aponta a necessidade de mudanças significativas no presente.

Sendo assim, ambicionou cristalizar o tempo presente. Um posicionamento perigoso, se observarmos que o mesmo pode levar a uma negativa ou não reconhecimento de fatos passados, e assim não primar por ações que atenuem consequências deixadas por esse passado. O que certamente segue influenciando também numa perspectiva de futuro.

Diante desse posicionamento podemos entender que:

[...] o conservadorismo moderno cancela a possibilidade de construção de qualquer projeto societário alternativo à sociabilidade vigente. E esse cancelamento é apoiado com argumento de que “sacrificar” uma geração no presente em nome da construção (“incerta”) de um futuro formulado sobre princípios revolucionários (encarados como “utópicos” e “totalitários”) é uma decisão contrária ao princípio da prudência (SOUZA, 2015, p. 7).

A adoção do conceito de totalitarismo no pensamento do conservadorismo moderno serviu à produção de um discurso de modernidade

que nega o conservadorismo clássico na medida em que rejeitava posicionamentos do passado, colocando estes como posturas reacionárias.

Entretanto, essa rejeição, por vezes, se configurava numa tentativa de apagar a história passada, e ainda construir uma nova memória que sirva para solidificar os interesses do presente.

Diante dos elementos apresentados acerca dos fundamentos sócio históricos do conservadorismo e das consequências inerentes a ele, analisaremos no próximo tópico, o avanço do conservadorismo e sua necessária relação com as crises econômicas do sistema capitalista.

3. CRISE ECONÔMICA E REAÇÃO BURGUESA: UMA ANÁLISE DA “ONDA CONSERVADORA” EM TEMPOS ATUAIS

É sabido que a crise de 1970 ocasionou sérios rebatimentos no âmbito social, econômico e político, os quais se encontram presentes ainda nos dias atuais, uma vez que desencadeou uma série de transformações societárias.

Para Silva (2016) a crise econômica do sistema capitalista ocorrida nas décadas de 1970 e 1980 viabilizou as condições para a hegemonia do neoliberalismo no mundo e a implantação de suas políticas sociais, as quais são caracterizadas como focalizadas e compensatórias, uma vez que com o advento do neoliberalismo há a retração do Estado que se exime do seu papel de provedor das políticas públicas.

Para cada crise ocorrida, o sistema capitalista busca novas estratégias/mecanismos para superar suas consequências e continuar mantendo a hegemonia do capital. Busca-se, nesse sentido, a aplicação de políticas que destravem os obstáculos políticos, econômicos, sociais e ideológicos para a acumulação do capital.

Dentro desse contexto, Barroco (2015, p. 624), nos explica que:

Para enfrentar ideologicamente as tensões sociais decorrentes da ofensiva neoliberal, no contexto da crise mundial do capitalismo dos anos 1970, o conservadorismo se reatualizou, incorporando princípios econômicos do neoliberalismo, sem abrir mão do seu ideário e do seu modo específico de compreender a realidade.

Como resposta à crise de 1970, o capital muda sua forma de produção econômica, processo conhecido como reestruturação produtiva, o qual se constitui como uma nova forma de organização do processo produtivo baseado na flexibilização (em consonância com a lógica neoliberal).

Em suma, a crise de 1970 gera o aprofundamento/exponenciação da “questão social”, por meio do aprofundamento da negação dos direitos da classe trabalhadora e diminuição das políticas sociais públicas mediante as privatizações, entre outros.

Ainda no dizer de Barroco (2015, p. 639-640), no âmbito econômico a crise do sistema capitalista apresenta fortes traços conservadores:

No campo econômico, a crise do capital reacende valores, políticas e medidas conservadoras, a exemplo da apologia ao livre mercado, a

redução do papel do Estado na regulação das relações econômicas, o uso do fundo público para salvar o capital industrial e bancário em momentos de crise, a mercantilização de serviços públicos, como luz, água, gás, telefonia. Todas essas medidas, largamente em curso sob o manto neoliberal desde a década de 1970, alimentam a competitividade, o individualismo e valores liberais conservadores. Mas também explicitam a incapacidade de o capitalismo viver sem crises e sem agudizar as desigualdades, violências e barbáries sociais.

Dentro desse contexto, entende-se que a principal modificação na conjuntura brasileira que se relaciona a nosso objeto de estudo, trata-se do golpe parlamentar de 2016 que culminou com o processo de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. Essa análise permite-nos perceber que tal processo serviu de pano de fundo para o aprofundamento dos ataques frutos da crise estrutural do capital e, concomitantemente, permitiu a ascensão do conservadorismo ao poder político central do país

A derrocada da presidenta Dilma, e conseqüentemente do Partido dos Trabalhadores (PT), encontram-se associadas a situações em que a democracia foi posta em questão, sendo assim, atacada pela classe burguesa dominante que contou com forte apoio dos grandes meios de comunicação.

Para Braz (2017, p. 87) as causas que levaram a “queda” de Dilma podem ser assim descritas:

Dilma, mesmo tendo feito um governo (como fizeram os governos petistas desde 2003) *predominantemente* voltado para os interesses do grande capital e de seus sócios brasileiros e, a partir de 2015, tendo adotado um programa de governo muito semelhante ao que foi apresentado (e derrotado) pelo candidato do PSDB em 2014, foi arrancada da presidência da República porque foi considerada incapaz de permanecer à frente dos interesses capitalistas que tanto serviu. Estes agora precisavam de um governo *genuinamente* burguês, capaz de não ceder o mínimo aos trabalhadores, de lhes retirar o pouco que conquistaram e de servir inteiramente, sem concessões, ao grande capital. O pacto de classe já não mais prestava.

O impeachment de Dilma pode ser entendido como o fator decisivo para o desmoronamento do PT, tendo em vista que o cenário político que se desenhava no Brasil não admitia um governo com algum traço popular e sim moldava-se um governo para servir apenas aos interesses do grande capital.

Braz (2017) destaca ainda, três elementos que viabilizaram o golpe de 2016, a saber: o apoio obtido pelo Congresso Nacional e pelo Supremo Tribunal Federal em amplos setores do judiciário, a contribuição da Polícia Federal completamente partidária e a colaboração da grande mídia burguesa.

As contribuições dessas instâncias também são explicadas por Silva (2016, p. 143):

O governo Dilma não se afastou do padrão de intervenção do período de Lula. Entretanto o agravamento da crise mundial limitou a margem de manobra e as possibilidades de manter o equilíbrio instável entre os interesses em disputa das diversas frações da burguesia e os

setores populares que constituíam a base social do governo. Nesse cenário de tensão quem mais se destaca pela ofensiva contra os governos do PT é o setor de direita e de extrema direita que encontra no PMDB e no PSDB, a base parlamentar para empreender uma campanha pelo *impeachment* da presidente Dilma com ares de legalidade e legitimidade constitucional. Soma-se a esta empreitada o apoio de setores do aparelho de Estado como o judiciário, inclusive o ministério público, a polícia federal e a forte mobilização do aparelho ideológico, com destaque para a grande mídia [...].

É a partir desse cenário que surge uma forte onda regressiva concretizada ainda no governo Temer, que assume como presidente interino, após a saída de Dilma. É sabido que a implantação dessa agenda regressiva significa maior repressão para a classe trabalhadora e a viabilização de melhores condições para a manutenção da acumulação capitalista.

Trata-se de uma agenda com forte viés conservador que incide diretamente nos direitos conquistados pela classe trabalhadora e que apresenta quatro objetivos centrais, os quais propiciam o aceleração de profundas contrarreformas, vejamos:

[...] recolocar o Brasil (e a América Latina) na área de influência prioritária dos Estados Unidos no sentido de retomada, *em condições ótimas*, da sua dominância imperialista em nosso subcontinente; reduzir os custos do trabalho no país e aumentar a produtividade média do trabalho com base em novas formas de combinação de mais-valia relativa (incremento tecnológico para reduzir trabalho necessário e baratear a reprodução social da força de trabalho) e mais-valia absoluta (sobretudo via flexibilização das relações trabalhistas com vistas a atacar as formas de proteção social do trabalhador); implementar uma cruzada conservadora e reacionária contra os avanços sociais no campo das “minorias” como forma de promover um retrocesso cultural e ideológico no país; readequar as políticas sociais a um novo programa neoliberal mais radical de modo a criar condições para um ciclo profundo de políticas de austeridade fiscal que pesarão sobre os trabalhadores. (BRAZ, 2017, p. 95).

Esse cenário de crise político econômica, juntamente com a implementação do neoliberalismo como estratégia para conter a crise e manter a hegemonia do grande capital, trouxe em seu bojo um grande retrocesso de múltiplas dimensões, além de provocar a reatualização e/ou renovação do pensamento conservador tão presente em nossa sociedade.

Acerca dessa problemática, Barroco (2011) ao discutir sobre o conservadorismo presente em nossa sociedade, nos explica que as transformações ocasionadas pelo capitalismo mundial após a crise da década de 70 provocaram mudanças na dinâmica da sociedade brasileira, o que por sua vez acarretou a ascensão do conservadorismo travestido a partir de uma nova roupagem.

Almeida (2019) conceitua o conservadorismo como um termo associado a processos e contextos históricos específicos, o qual se tornou comum nos debates públicos em nível nacional e mundial na cena contemporânea. O conceito encontra-se constantemente presente nos noticiários de televisão,

tanto na imprensa escrita como nas redes sociais digitais com uma multiplicidade de sentidos razoavelmente elásticos.

Faz-se necessário destacar que o conservadorismo não se caracteriza como um traço novo, mas que ele faz parte da formação histórica do Brasil e que se intensifica a partir das crises do capital.

Acerca do conservadorismo e de seu contexto histórico, Barroco (2015, p. 639), explica que:

O conservadorismo é, e sempre será, alimento imprescindível da reprodução do capital, e por isso nunca sai de cena. [...] é um alimento central para conservar a sociedade capitalista e sempre estará a seu dispor.

De acordo com Ferreira (2016, p. 168), em nossa sociedade o conservadorismo aparece da seguinte forma:

No Brasil o quadro histórico vivido tem demonstrado que o conservadorismo moral e político aparece como o novo e a mudança. Através do desejo por democracia e narrativas de clamor à nação, o pensamento conservador se alastra nas diversas arenas da agenda política brasileira. Sinaliza a professora Maria Lúcia Barroco (2009), todavia, que o debate sobre a família (e conseqüentemente sobre as questões de gênero e sexualidade) figura como principal objeto de investimento e injeção do pensamento conservador contemporâneo, de modo que vemos apelos morais ao bem comum através de abstrações contidas, por exemplo, no projeto de estatuto da família; na proibição do aborto legal [...] e até mesmo em projetos que institui o orgulho ao heterossexual e criminaliza a “heterofobia”.

Além da problemática exposta pelo autor, a ofensiva conservadora também atingiu outros setores da sociedade, como podemos observar nos elementos trabalhados por Barroco (2011), a saber: o agravamento da desigualdade estrutural, a degradação da vida humana e da natureza, relações sociais efêmeras e realidades fragmentadas, há nesse sentido a reificação das esferas da vida social.

Partindo dessa premissa, Barroco (2011) analisa ainda que as formas de reprodução social ocasionadas pela crise estrutural do capital e as transformações inerentes a ela, propiciaram um aprofundamento na exploração do trabalho, gerando desemprego e imprimindo na sociedade uma nova dinâmica em sua vida cotidiana.

Essa nova dinâmica da vida social é expressa através da tendência ao individualismo, da vivência fragmentada, do consumismo e da competição. Esses fatores acarretam o retorno às questões da vida privada, o empobrecimento e desmoralização política da vida dos trabalhadores.

Há, na verdade, uma barbarização da vida cotidiana, em que a violência passa a fazer parte do dia a dia das pessoas que acabam cada vez mais sendo consumidas pela cultura do medo e da insegurança.

[...] É nesse contexto que o conservadorismo tem encontrado espaço para se reatualizar, apoiando-se em mitos, motivando atitudes autoritárias, discriminatórias e irracionais, comportamentos e

ideias valorizadoras da hierarquia, das normas institucionalizadas, da moral tradicional, da ordem e da autoridade. Uma das expressões dessa ideologia é a reprodução do medo social. (BARROCO, 2016, p. 2010).

A reprodução ideológica do pensamento conservador presente na classe dominante apresenta-se mediante um conjunto de determinações estruturais e conjunturais que busca a prevalência da ordem e dos bons costumes para manter o controle social a partir do discurso da moral e religião, da política de tolerância zero, do Estado policial, do Estado penal e da criminalização da pobreza.

No dizer de Silva (2016, p. 142), a classe dominante, para manter-se no controle precisa da utilização dos seguintes mecanismos:

As classes dominantes para efetivar o neoliberalismo necessitam, por um lado, de um Estado com o aparelho repressor fortalecido para impor restrições aos direitos políticos e sociais dos trabalhadores. E, por outro lado, requer aparelhos ideológicos capazes de atingir as massas populares. É nessa condição que entra o papel da grande mídia, entidades religiosas e movimentos de caráter nazistas, fascista, racistas e xenófobos.

As consequências das crises do sistema de reprodução capitalista apresentam características como dominação de classe, violência física e social repressão e segregação social. Os direitos humanos são suprimidos, a vida dos sujeitos é coisificada, num profundo processo de desumanização. Há, nesse processo de hegemonia do capital, “um modo de ser mantido pelas nossas elites, com seu racismo, seu preconceito de classe, seu horror ao comunismo”. (BARROCO, 2015, p. 624).

Ainda no dizer de Barroco (2015), a ofensiva e intensificação da onda conservadora atua no combate ao Estado social e aos direitos sociais, busca-se uma sociedade sem restrições ao mercado. Aqueles que contestam essa nova dinâmica, ou seja, aqueles que se posicionam contrários a ordem social e aos costumes tradicionais são reprimidos violentamente mediante a função coercitiva do Estado.

Dessa forma, percebe-se que no contexto de crise mundial do sistema capitalista ocorre o aprofundamento do conservadorismo, o qual traz consigo uma ideologia da classe dominante pautada nos ideais de ordem e controle social, além de uma forte tendência ao apelo moralista.

Essa cultura dominante acaba por evidenciar um caráter destruidor no tocante a vida humana, bem como da natureza. É sabido também que essa concepção acaba por tratar as expressões da “questão social” como caso de polícia, assim como era nos primórdios da profissão, não há apenas o ajustamento dos indivíduos à sociedade, mas há também a punição daqueles que não pertencem ao padrão posto pela classe dominante.

Faz-se necessário destacar que a mídia apresenta-se como forte aliada na propagação dessa ideologia estereotipada da classe dominante, contribuindo para a disseminação de seus posicionamentos e comportamentos. Os meios virtuais também contribuem para tal difusão. “[...] uma campanha direitista escancarada que conta com as corporações que detêm o poder dos

meios de comunicação no Brasil e que uivam quando ouvem falar em algum tipo de restrição à livre manifestação de sua dominação ideológica”. (BARROCO, 2015, p. 630).

As medidas neoliberais adotadas a partir da década de 1980 e aprofundadas em 1990 intensificam-se, então, ainda mais com a retirada de Dilma/PT do governo em 2016 e com a chegada de Temer a Presidência da República. Como já salientamos, tais medidas trazem consigo o aprofundamento da forte “onda conservadora”, a qual é inerente a própria formação histórica do país.

Logo, a ofensiva neoliberal transforma os direitos conquistados pela classe trabalhadora em programas sociais compensatórios via seletividade e privatizações. Sendo assim, os traços do conservadorismo apresentam-se a partir do aprofundamento da desresponsabilização do Estado no que tange às expressões da “questão social”.

Os ataques à democracia com a entrada em cena de candidatos de direita e extrema direita significam o avanço do conservadorismo e o recuo da democracia frente aos desafios que se apresentam. Dentro desse contexto, “a conjuntura que se abriu a partir do impeachment é de ascensão das forças mais conservadoras e até mesmo reacionárias que estão operando em todos os segmentos da sociedade brasileira”. (BRAZ, 2017, p. 101).

Analisar a atual conjuntura permite-nos refletir acerca da barbárie social que estamos vivenciando, a qual segundo Boshetti (2017) se expressa a partir da expropriação das condições mínimas de vida (xenofobia, intolerância, nacionalismo), do fundamentalismo religioso (violência em nome da religião), da supressão e antagonismo aos direitos humanos (posicionamentos conservadores, barbárie sob a forma democrática).

Essa barbárie social pode ser vislumbrada de forma mais intensa a partir da eleição do militar reformado Jair Messias Bolsonaro à Presidência da República, assunto que abordaremos no próximo item.

4. O GOVERNO BOLSONARO E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICO-POLÍTICAS

A análise acerca da atual conjuntura do Brasil permite-nos compreender que a ofensiva conservadora ganhou maior impulso/intensidade a partir de 1990 com o aprofundamento do neoliberalismo.

Atualmente a onda conservadora encontra-se em ascensão, fator que se expressa com a eleição à presidência, em 2018, do militar reformado Jair Bolsonaro, candidato de extrema direita que vem causando polêmicas em decorrência de sua postura intolerante e atitudes relacionadas ao ataque a democracia e aos direitos humanos.

Ao analisar esse contexto, Vieira e Pereira (2018, p 3), apresentam a seguinte constatação acerca do surgimento do “mito” Bolsonaro:

Pensar no contexto político brasileiro nos últimos quatro anos remete a impressão de que nadamos para morrer na praia, é mergulhar em um universo de total descrença na política e em tudo que ela representa, descrença até mesmo no sistema democrático. E, neste contexto de incertezas e desilusões viu-se de tudo um pouco, até

mesmo aqueles que clamam a volta dos militares, por acreditarem que eles são os únicos capazes de “colocar ordem na casa”. Foi em meio a esse cenário que surgiu a figura mais caricata.

Para convencer seus eleitores, Bolsonaro utilizou as mais diversas estratégias, apropriando-se de um momento de descrença da população com relação ao sistema político, de um momento de instabilidade e desconfiança até mesmo na democracia brasileira e apresentou-se como a salvação do Brasil, aquele que iria colocar “ordem na casa”.

Faz-se necessário destacar que o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff por meio do golpe de 2016, propiciou os meios necessários para a viabilização da notoriedade do então deputado federal Jair Bolsonaro que ganhou força a partir daqueles descrentes com o Partido dos Trabalhadores – PT. O “mito”, como foi denominado pelos seus adeptos, apelou para o discurso em defesa da pátria, dos bons costumes, da ascensão da economia e a busca de livrar o país da “ameaça comunista”.

Nas palavras de Vieira e Pereira (2018, p.3), a figura de Jair Bolsonaro como candidato a presidência surge da seguinte forma:

Bolsonaro, desde que ingressou na carreira política, vem utilizando-se de um discurso autoritário e conservador para conquistar cargos políticos pelas vias democráticas. O candidato lançou-se na corrida presidencial atacando a velha polarização - PT *versus* PSDB - e tudo que o presente sistema político brasileiro representa. Ele apresenta-se ao eleitorado como o “Novo”, o “Messias”, o “Salvador da Pátria” e, assim, arrasta uma legião de apoiadores, enraizados nos resquícios de uma cultura autoritária, por onde passa. Prova disso é o texto de seu próprio plano de governo: “*um governo decente, diferente de tudo aquilo que nos jogou em uma crise ética, moral e fiscal*”

Bolsonaro surge, então, num contexto de insatisfação e tentativa de retomada de desenvolvimento econômico em meio à crise, apresentando-se como uma figura de destaque, vendendo a ideia de uma suposta salvação nacional arraigado num discurso conservador e antipetista.

Entre seus ideais destacam-se a defesa da família tradicional, a defesa da pátria e dos bons costumes, a defesa do porte de armas para os “cidadãos de bem” e a valorização da religião na ordem social. É sabido também que em seus discursos há forte oposição às questões relacionadas à “ideologia de gênero”, além da defesa da ditadura militar e da tortura.

Sendo assim, ainda no dizer de Vieira e Pereira (2018, p.4), Bolsonaro utilizou dos seguintes mecanismos para chegar à Presidência do Brasil:

[...] Jair Bolsonaro apropriou-se da descrença popular nas instituições democráticas, na economia do país e no sistema político para apresentar-se como “remédio” para a atual crise político-institucional que o país vivencia. Para alcançar tal objetivo, o candidato, como um bom estrategista militar e, utilizando-se de uma retórica autoritária, conservadora e carregada de ódio lançou mão das mais variadas estratégias de persuasão e convencimento para arrastar seguidores e apoiadores, especialmente por meio das redes sociais na Internet.

Partindo dos elementos apresentados, podemos destacar alguns fatores que contribuíram para a eleição do então Presidente da República, a saber:

questionamento acerca da viabilidade do sistema democrático brasileiro, derrubada da “esquerda” e ascensão de uma “nova” direita no cenário político, ascensão do autoritarismo (cultura autoritária já enraizada na sociedade brasileira) e conservadorismo, contexto de total desânimo/descrença da população diante do atual sistema político, fazendo com que muitos cidadãos adquirissem uma postura anti-política.

Diante desse contexto, é válido destacar algumas das estratégias utilizadas por Bolsonaro para chegar à presidência, a saber: utilização das ferramentas digitais para fazer suas propagandas e criar um personagem forte para envolver os usuários e ganhar força/popularidade na disputa eleitoral (uso das redes sociais, fuga dos temas tradicionais discutidos pelos demais candidatos (economia, política, saúde, educação, segurança pública). À época, o então candidato, fez-se de popular (“gente da gente”), que fala aquilo que o leitor quer ouvir (“sem papas na língua”).

Sendo assim, Almeida (2019, p. 203-204), analisa que o bom desempenho e aprovação de Bolsonaro pela população deram-se em decorrência de algumas razões:

As razões para seu excelente desempenho, na verdade, foram várias: o forte antipetismo, o apelo das candidaturas consideradas antissistêmicas e o desejo por novos nomes, entre outras. O que pareceu inesperado a todos os concorrentes, contudo, foi o uso intensivo e estratégico das redes sociais, sobretudo da plataforma WhatsApp, para a geração e difusão de fake news. [...] o uso das redes sociais na campanha de Bolsonaro destoava das demais pela intensidade, pelas inversões de sentido e pela divulgação de falsas notícias, a exemplo da suposta distribuição do chamado kit gay em escolas públicas por Fernando Haddad quando ministro da Educação do governo Dilma. [...] À exceção de Bolsonaro, todos os outros candidatos apostaram no tradicional marketing político, que por meio de um processo de assepsia simbólica purifica os candidatos e projeta neles desejos e expectativas. A propaganda de Bolsonaro, ao contrário, ocorria de forma mais espontânea, por meio de transmissões ao vivo via internet feitas por assessores e participantes dos eventos. Funcionando como uma estação repetidora, os eleitores se sentiram empoderados por não serem apenas receptores de notícias, mas propagadores dos movimentos da campanha. O resultado foi uma explosão de informações, parte delas descontextualizadas ou mesmo falsas.

Além dos fatores apresentados, podemos citar outros elementos que contribuíram para que fosse eleito Jair Bolsonaro como Presidente da República, vejamos: a prisão do pré-candidato do PT, então favorito ao cargo, segundo as pesquisas, o ex-presidente Lula, bem como o processo de vitimização em decorrência de um atentado por facada ocorrido no dia 16 de setembro de 2018, em meio à campanha eleitoral.

O episódio da facada certamente comoveu a sociedade em torno desse fato, tornando-o vítima e livrando-o dos debates presidenciais tão temidos pelo presidencialismo, uma vez que ele não apresenta boa oratória e tampouco bons argumentos acerca de assuntos como economia, educação, entre outros.

Bolsonaro, enquanto parlamentar, sempre esteve envolvido em polêmicas, a exemplo do episódio de impeachment de Dilma em que ele fez

homenagem ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra⁵, fala bastante criticada por desprezar os direitos humanos.

Além da polêmica supracitada, cabe destaque também algumas frases proferidas pelo atual presidente que causaram controvérsias. A revista Carta Capital trouxe 25 declarações polêmicas ditas por Jair Bolsonaro em vários veículos de comunicação, dentre as quais destacaremos apenas algumas.

Sobre a ditadura e tortura, Bolsonaro diz ser favorável à tortura, para ele “o erro da ditadura foi torturar e não matar”. No âmbito da Segurança Pública, ele afirmou que “violência se combate com mais violência”. Na religião, Bolsonaro afirmou que “somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico”.

No tocante à diversidade de gênero, Bolsonaro assinalou: “eu jamais ia estuprar você porque você não merece”. Essa frase foi dita a parlamentar do PT-RS, Maria do Rosário. Ainda acerca dessa temática, ele falou “por isso o cara paga menos para a mulher, porque ela engravida”. Aos homossexuais coube a seguinte afirmação: “para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo” e “90% desses meninos adotados por um casal gay vão ser homossexuais e vão ser garotos de programa com toda certeza”.

No campo das políticas afirmativas temos a seguinte declaração: “Quem usa cota, no meu entender, está assinando embaixo que é incompetente. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista. Nem aceitaria ser operado por um médico cotista”.

Diante do exposto, ressalta-se que a eleição de Bolsonaro, portanto, deu-se a partir de situações conjunturais e de processos estruturais. Nesse sentido, Almeida (2019), destaca alguns vetores sociais que contribuíram para a alavancada de Bolsonaro diante do seu opositor Fernando Haddad, a saber: papel do Estado na economia, em que há a crítica ao Estado e suas políticas de proteção social; a moralidade e bons costumes, defesa da família tradicional em detrimento das novas configurações familiares; movimentações políticas, posturas e ações mais repressivas e punitivas dos aparelhos ideológicos do Estado; qualidade e intensidade das interações sociais, antagonismo político.

A posição de Presidente da República, certamente, coloca Bolsonaro e sua família num terreno mais visível e especulado pela mídia. É dentro desse contexto que se agravam os efeitos ético-políticos de afirmações misóginas, homofóbicas, racistas e intolerantes.

Sendo assim, como Presidente, Bolsonaro já acumula uma série de polêmicas e conflitos internos, que envolvem sua família e a relação com seus aliados políticos. Seus ministros também são destaque e seguem a retórica do presidente ao apresentarem um discurso fundamentalmente conservador.

⁵ Foi um coronel do Exército Brasileiro, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército (de 1970 a 1974), um dos órgãos atuantes na repressão política, durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985) e torturador condenado. Em 2008, Ustra tornou-se o primeiro militar condenado pela Justiça Brasileira pela prática de tortura durante a ditadura. Embora reformado, continuou politicamente ativo nos clubes militares, na defesa da ditadura militar e nas críticas anticomunistas. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Alberto_Brilhante_Ustra. Acesso em 25/01/2020.

Bolsonaro acumula outras controvérsias, as quais em sua maioria são propagadas/disseminadas em suas próprias redes sociais. Como exemplo temos a fala do Presidente em 03 de setembro de 2019 acerca do Projeto de Lei para proibir a ideologia de gênero nas escolas.

Sua administração governamental é carregada de conflitos, com direito a várias demissões e trocas de ministros, além de divergências com seu vice presidente, Hamilton Mourão. Bolsonaro também ataca sem receios a imprensa, causando desconforto e resquícius de censura.

Faz-se necessário também analisar a postura do atual presidente com relação a outras temáticas/esferas sociais. No tocante a moral, mais especificamente acerca do aborto e da ideologia de gênero, Bolsonaro deixa claro que é contra a legalização do aborto, além disso, defende a família “natural”, mostrando-se inflexível com relação à legalização do casamento homoafetivo.

Sobre essa postura do Presidente, Almeida (2019, p. 205), analisa que:

[...] Associado a essa linha de discurso, Bolsonaro abraçou a pauta dos costumes, articulando-se, de um lado, com uma base parlamentar evangélica e, por outro, com o eleitor evangélico, que sempre foi sensível às questões relativas ao corpo e aos comportamentos. Seu discurso foi contrário a praticamente todas as mudanças concernentes à sexualidade, gênero e reprodução das últimas décadas. É contra o aborto e as causas lgbt. Combateu a chamada “ideologia de gênero”, maior espectro que assombra a população mais conservadora, gerando uma espécie de pânico moral. “O pt é uma ameaça, um perigo”, ouviu-se dos que votaram em Bolsonaro, principalmente entre os evangélicos.

Ressaltamos, ainda, a oposição de Bolsonaro acerca das questões relacionadas a gênero. Faz-se necessário abordar algumas falas, posicionamentos e medidas de Jair Bolsonaro no tocante a diversidade de gênero, bem como a atuação da Ministra Damares sobre essa temática.

Desde que foi eleito, Jair Bolsonaro vem implantando uma política que exclui as pautas de gênero e sexualidade, como exemplo desse feito, temos, a proibição da “ideologia de gênero nas escolas”. As tendências do avanço do conservadorismo e a aliança do governo Bolsonaro com a bancada evangélica incidiram diretamente nas populações que desejam avanços no tocante a diversidade de gênero e sexualidade.

Trata-se de uma perda de direitos para essa população, uma vez que a crítica à suposta ideologia de gênero significa uma retração/retrocesso no tocante a difusão, nas escolas brasileiras, do ideal de igualdade entre homens e mulheres, bem como um pensamento contra o reconhecimento da diversidade de gênero e de orientação sexual, enquanto direitos reconhecidos.

Dentro desse contexto, merece destaque a atuação de Damares Alves, atual Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Governo Bolsonaro. Cabe a Damares a coordenação da pasta sobre políticas e diretrizes relativas à promoção dos Direitos Humanos, inclusive referentes às questões de gênero e sexualidade. A pasta deve atuar em assuntos relacionados aos direitos da

mulher, da família, da criança e do adolescente, das pessoas com deficiência, indígenas, idosas e de outras minorias.

A Ministra ganhou destaque na mídia por apresentar um discurso que ganhou notoriedade a partir de algumas frases polêmicas. A esse respeito Maranhão e Franco (2019, p. 19), tecem as seguintes considerações:

No caso de Damares Alves, religiosa e política, suas falas controversas que ganharam notoriedade nas redes sociais, são ilustrativas dessas relações ambíguas entre religião e Estado na laicidade à brasileira. Citamos algumas falas retiradas de veículos de comunicação de ampla circulação: “como gostaria de estar em casa toda a tarde numa rede e meu marido ralando muito, muito, muito pra me sustentar e me encher de joias e presentes: esse seria o padrão ideal da sociedade”, e que “é como se houvesse uma guerra entre homens e mulheres no Brasil: isso não existe, as mulheres nasceram pra serem mães”, deslegitimando as lutas femininas e feministas por justiça e igualdade de gênero. [...] “aborto deve ser crime hediondo”, que “os gays querem tirar a Bíblia de circulação do Brasil”, “que o sexo entre mulheres é uma aberração comparada a sexo com animais”, que “homossexuais são doentes”, e que “as feministas são feias e nós (evangélicas) somos lindas.

Com esse tipo de posicionamento, Damares acaba por propagar um pensamento conservador e machista e/ou opressor, uma vez que deixa claro em suas falas que considera o gênero masculino superior ao feminino, além de expor que acha mais natural a zoofilia (sexo com animais) do que sexo entre duas mulheres.

Além das polêmicas descritas acima, a Ministra ainda acumula outras controvérsias, a exemplo da proposta de legalização da educação familiar. A esse respeito, Maranhão e Franco (2019, p. 323), nos mostra que:

Alves tem se notabilizado por procurar implantar propostas controversas. Uma delas é a de legalização da educação domiciliar - ou homeschooling -, sinalizando que “lugar de criança” não é na escola mas sim em casa - ou em outros ambientes de sociabilidade como a igreja, por exemplo. A educação domiciliar pode vir a ser implantada através de Medida Provisória (MP) que preverá o direito de famílias educarem crianças e adolescentes unicamente em casa. Todavia, em setembro o Supremo Tribunal Federal (STF) havia decidido que a família não tem o direito de retirar filhos/as/es da escola para oferecer-lhes educação exclusivamente doméstica até que haja uma regulamentação clara sobre o tema. O entendimento da maior parte dos/as ministros/as foi de que a educação domiciliar prescinde de socialização e de avaliações do aprendizado. Para Alves, contudo, a falta de socialização, que de acordo com ela é a maior crítica de quem se opõe a esta modalidade de ensino, não tem fundamento [...].

Essa proposta, certamente indica uma extensão do pensamento do próprio Presidente Bolsonaro, pois ele considera que o ambiente escolar encontra-se impregnado de ideologia e doutrinação marxista⁶.

Sendo assim, a proposta da Ministra Damares figura como mais uma tentativa de combater a ideologia de gênero na escola, ideia propagada pela própria Damares, Bolsonaro e seus aliados.

Maranhão e Franco (2019, p. 325), salientam a importância de incorporar a discussão sobre sexualidade e gênero nas escolas.

[...] sobre sexualidade e gênero em espaços escolares e acadêmicos não tem nada a ver com “ideologia de gênero”, mas sim com igualdade de gênero, o que implica em ao menos amenizar (o ideal é aniquilar) as gritantes assimetrias entre homem e mulher [...]. Provocar que a justiça e equidade de gênero aconteçam não objetiva anular as diferenças entre as pessoas, mas garantir que as diferenças não desemboquem em desigualdade e opressão.

O pensamento conservador do atual governo e de seus aliados políticos acaba por invisibilizar a real importância da educação sexual e as informações inerentes a ela como uma forma de prevenção, tornando-se concomitantemente uma questão de saúde.

Portanto, é válido frisar que a educação sexual deve estar presente no processo educativo de qualquer indivíduo, pois figura como uma questão de saúde e o adolescente precisa ter referências didáticas e confiáveis que informem sobre assuntos métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros.

O mais preocupante é perceber que os projetos conservadores adquirem força e/ou visibilidade porque refletem o pensamento comum. É sabido que o conservadorismo sempre esteve presente em nossa sociedade e configura-se como uma expressão da própria luta de classes.

5. CONCLUSÃO

Após a sistematização de nosso estudo, é possível observar que o conservadorismo configura-se como uma ideologia e projeto societário de manutenção sociedade capitalista, objetivando manter a “ordem” e dessa forma beneficiar a classe dominante. Ressalta-se que as crises estruturais do capital e suas tentativas em conter tais crises, propiciam a reatualização e ascensão do conservadorismo, por meio da barbarização da vida social.

A conjuntura que se “abriu” a partir do impeachment de Dilma pode ser caracterizada como um “marco” para a ascensão das forças mais conservadoras, as quais encontram apoio na direita e extrema direita do país.

Em consequência dessa conjuntura, temos a formação de uma onda de intolerância, que se expressa mediante uma classe dominante preconceituosa, excludente, individualista, antidemocrática e violenta, a qual age de forma contrária aos avanços sociais, principalmente aqueles que interferem nos

⁶ Essa informação foi publicada em seu próprio twitter em 31/12/2018, as vésperas de assumir a Presidência.

interesses econômicos do capital, tal como historicamente posto na sociedade brasileira.

A eleição de um candidato de extrema direita, militar reformado, que tem como base de sustentação as forças armadas e que tem como prerrogativa um pensamento fundamentalmente conservador, torna-se preocupante na medida em que há forte ameaça no sentido de desconstrução dos direitos duramente conquistados e garantidos por lei.

A “nova direita” difunde valores que vão de encontro à cultura conservadora do nosso país e apresenta uma “dinâmica própria” caracterizada por meio da utilização, na esfera pública, da linguagem das redes sociais, configurando-se, portanto, como uma nova forma de fazer política e ganhar apoio e legitimidade da sociedade.

Nesse sentido, o Presidente Bolsonaro apresenta-se como a expressão máxima da onda conservadora, fruto da crise internacional, do neoliberalismo, do antipetismo e que tem como foco de ataque a verbalização de preconceitos contra as minorias, a qual lança estigmas sociais sobre os homossexuais, os índios, as mulheres, os negros. Essa postura legitima um discurso de ódio que se manifesta mediante ações regressivas propagadas e difundidas, atualmente, em seu governo.

Portanto, faz-se necessário analisar de forma crítica o cenário que se desenha após a eleição de Bolsonaro e perceber as problemáticas ocasionadas pelo discurso conservador, o qual se apropria da vida cotidiana de diferentes populações, subalternizando, dominando e criando estereótipos e estigmas àqueles que não são privilegiados por tal discurso.

Perceber as facetas e estratégias desse caldo conservador pode constituir-se como ferramenta de resistência, contribuindo, assim, na busca por meios para desmistificar a realidade que começa a ser materializada de forma tão regressiva e/ou agressiva.

Logo, o atual cenário requer do/a assistente social um posicionamento crítico que analise a sociedade a partir de uma perspectiva de totalidade, capaz de apreender a realidade política, econômica e social e as implicações do neoliberalismo e do conservadorismo inerentes a esta realidade.

É necessário que a partir dessa leitura, seja possível um posicionamento articulado ao Projeto Ético Político em defesa da transformação da sociedade, da liberdade, democracia, justiça social. É preciso organizar a categoria profissional para o enfrentamento da barbárie capitalista e que lute pela defesa dos direitos humanos e da classe trabalhadora.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. **BOLSONARO PRESIDENTE**: Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. Novos estudos CEBRAP, São Paulo, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-33002019000100010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 11/01/2020.

BARROCO, M. L. S. Não passarão! Ofensiva neoconservadora e Serviço Social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 124. São Paulo, 2015.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0623.pdf>. Acesso em 05/01/2020.

_____. Barbárie e Neoconservadorismo: os desafios do Projeto Ético Político. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 106. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n106/n106a02.pdf>. Acesso em 04/01/2020.

BOSCHETTI, I. Agudização da barbárie e desafios do Serviço Social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 128. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n128/0101-6628-sssoc-128-0054.pdf>. Acesso em 06/01/2020.

BURKE, E. **Reflexões sobre a Revolução na França**. São Paulo: Edipro, 2014.

BRAZ, M. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 128. São Paulo, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-66282017000100085&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 16/01/2020.

CARTA CAPITAL. **Revista semanal brasileira de informações gerais publicada pela Editora Confiança**. Jornalismo crítico e transparente. Notícias sobre política, economia e sociedade com viés progressista. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em 25/01/2020.

COUTINHO, J. P. **As ideias conservadoras**: explicandas a revolucionários e reacionários. São Paulo: Três Estrelas, 2014

DEMIER, F; HOEVELER, R. (orgs.). **A onda conservadora**: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

FERREIRA, G. N.; BOTELHO, A. Revendo o pensamento conservador. In: FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André (Orgs.). **Revisão do pensamento conservador**: ideias e políticas no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2010.

FERREIRA, G. G. **Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo**. Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://www.ifg.edu.br/attachments/article/7536/Conservadorismo,%20fortalecimento%20da%20extrema-direita%20e%20a%20agenda%20da%20diversidade%20sexual%20e%20de%20g%C3%AAnero%20no%20Brasil%20contempor%C3%A2neo%20%E2%80%93%20Guilherme%20Ferreira.pdf>. Acesso em 15/01/2020.

IDEIAS LLYC. Explorar. Inspirar. **Os 100 primeiros dias do Governo Bolsonaro**. São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://ideasbr.llorenteycuencia.com/2019/04/11/os-100-primeiros-dias-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em 03/02/2020

MARANHÃO, E. M. A; FRANCO, C. “Menino veste azul e menina, rosa”: Educação Domiciliar e as ideologias de gênero e gênese de Damares Alves, a “ministra terrivelmente cristã” dos Direitos Humanos. **Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH**. 2019. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/48106/751375148329>. Acesso em 03/02/2020.

SILVA, I. G. **A agenda conservadora assume o centro da cena política no Brasil**. Maranhão, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/viewFile/31853/pdf>. Acesso em 16/01/2020.
SOUZA. J. M. A. Edmund Burke e a gênese do conservadorismo. **Revista Serviço Social & Sociedade**, nº 126. São Paulo, 2016.

_____. O conservadorismo moderno: esboço para uma aproximação. **Revista Serviço Social & Sociedade**, nº 122. São Paulo, 2015.

VIEIRA, A. O.; PEREIRA, B. F. **A “nova direita” na corrida presidencial de 2018: o “Mito Bolsonaro” e a (re)ascensão de uma cultura autoritária?**. Caxambú-MG, 2018. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/spg-5/spg06-4/11441-a-nova-direita-na-corrida-presidencial-de-2018-o-mito-bolsonaro-e-a-re-ascencao-de-uma-cultura-autoritaria/file>. Acesso em: 10/01/2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por não me desamparar e me dar forças pra continuar a jornada da forma mais prazerosa possível, com o testemunho da minha mãe presente na minha vida.

Sou extremamente grato a minha mãe Margarete Maria, meu pai, José Henrique e minha avó Maria Mendes vulgo Maria Braga como é conhecida. Minha família mesmo sem ter finalizado seus estudos, sempre me orientou a continuar os estudos, a entrar na universidade e concluir meu curso. Sempre acreditaram em mim.

Agradeço também a minha prima Albertina Sueli, pela parceria nessa caminhada do ônibus até universidade e até ao nosso apê.

Agradeço a minha orientadora Barbara, pela paciência, compreensão e direcionamento. Alguns percalços aconteceram, mas ela sempre esteve presente me dando o norte correto para seguir.

Grato por minhas supervisoras, Noalda Ramalho (supervisora acadêmica) e Maria das Graças Cabral (supervisora de campo), duas excelentes assistentes sociais, inseridas na educação da nossa querida Campina Grande. Graça e Noalda me proporcionaram a realização de unificar a teoria com a prática em um belíssimo estágio de muito aprendizado. Muito obrigado pelas contribuições, sinto-me realizado (me senti o próprio assistente social).

Sou grato pelo presente que Deus me deu na universidade, no estágio e na vida, somos amigos. Ela que é avó, mãe, irmã, tia, amiga, enfim uma mulher vencedora que não desiste nunca (que me apoiou como a irmã que não tenho), sempre me dando forças, minha amiga pra vida, Ednaira Sinara.

Aos demais amigos da universidade, agradeço a união que às vezes demorava um pouco para chegar, mas na hora certa estávamos juntos, alguns mais próximos outros mais distantes, não citarei nomes para não falhar e esquecer. Todos serão lembrados por nossa caminhada, abraço em todos.

Agradeço aos demais amigos alguns da infância outros recentes, pelo carinho, amizade e incentivo que me deram. Alguns, já estão na torcida para fazer a leitura do meu TCC, isso é bem gratificante, não vou citar nomes para não pecar.

Por fim, não menos importante, na verdade o pilar de todo esse trabalho, quero agradecer ao corpo docente, meus professores pelo ensino de qualidade, incentivo e norte dado a minha trajetória.

A UFPB é pública, é nossa e tem ensino de qualidade.

Meu muito obrigado!